

Maternidade negra nas redes sociais: uma análise acerca das representações de mães influencers no *Instagram*¹

Marina Judiele dos Santos FREITAS²

Thainá Gremes CARNEIRO³

Milena Freire DE OLIVEIRA-CRUZ⁴

Kaliandra CONRAD⁵

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

Este trabalho se propõe analisar as representações da maternidade negra nas redes sociais no contexto pandemia de COVID-19 no Brasil. Por meio de observação e coleta de postagens feitas por mães negras influencers no Instagram e utilizando metodologia de netnografia de Kozinets (2014) e Hine (2016), métodos discutidos por Raquel Recuero (2015) associados à análise de conteúdo de Laurence Bardin (1997 - 2011), pretende-se relacionar o contexto histórico de conceitos que permeiam o tema da maternidade de Badinter (1985) e Biroli (2018), relacionando com feminismo negro, representatividade e educação para crianças negras, com o objetivo principal de entender como se dão as expressões dessas maternidades especificamente no período atual.

Palavras Chave: *Instagram*; maternidade negra; feminismo.

Introdução

O presente trabalho foi desenvolvido junto ao grupo de pesquisa *Comunicação, Gênero e Desigualdades*, sob orientação da professora Milena Freire e objetiva - através da observação feita na rede social *Instagram* - analisar perfis de mães negras *Influencers* e Internautas, a fim de compreender como estas expressam suas maternagens, especialmente àquelas voltadas a primeira infância. Em 2020, sob o contexto de pandemia do novo Coronavírus (COVID-19), o grupo decidiu analisar como a maternidade está expressa nas redes sociais digitais durante o isolamento social.

A partir desse cenário, selecionamos dois (2) perfis de mães *influencers*, que serão nomeadas de modo que suas identidades sejam preservadas, portanto teremos: *mãe 1* e *mãe 2*. A

¹ Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Bacharel de Comunicação Social - Produção Editorial UFSM. marinafreitas.js@gmail.com

³ Acadêmica do quarto semestre de Comunicação Social - Produção Editorial UFSM thainagremes08@hotmail.com

⁴ Orientadora. Professora do Departamento de Ciências da Comunicação - Centro de Ciências Sociais e Humanas UFSM. milena.freire@ufsm.br

⁵ Co-orientadora. Doutora e mestre em Comunicação Midiática pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Bacharel em Comunicação Social - Relações Públicas pela mesma instituição. kalliandraconrad@gmail.com

escolha dessas mulheres foi feita através da procura de personalidades que falassem sobre a temática da maternagem negra através de *posts* e interações em seus perfis.

A mulher negra, histórica e socialmente encontra-se em um local de vulnerabilidade, pois, concentra em si as desigualdades não somente inerentes ao gênero, mas de raça e na maioria das vezes, de classe⁶. A antropóloga Lélia Gonzalez, cujo trabalho de pesquisa dedicou-se majoritariamente às inferências do racismo e sexismo na vivência de mulheres negras, relata no documentário *As Divas Negras do Cinema Brasileiro* (1988) que a mulher negra encontra-se em um local de subjugação, no qual à ela é reservado sempre o papel secundário.

De acordo com a matéria publicada no jornal Folha de São Paulo⁷, “mulheres negras têm que se dedicar mais aos cuidados da casa, dos filhos e de parentes do que mulheres brancas”⁸ resultando em um maior número de negras ou pardas sendo delegadas ao trabalho doméstico, dificultando assim, que elas dediquem ao trabalho remunerado, estudos e qualificação profissional.

A maternagem negra e suas particularidades, na conjuntura do “novo normal”, têm trazido à tona as desigualdades em que o Brasil se encontra, especificamente ao que se refere à gênero e raça. De acordo com a assistente social, Lúcia Xavier, coordenadora da organização Crioula e faz parte do Comitê Mulheres Negras Rumo a um Planeta 5050 em 2030, da ONU mulheres, relata “A pandemia do novo coronavírus (Covid-19) tornou nítido o racismo, a violência e as desigualdades que impactam sobremaneira a vida das mulheres negras. Para superar essas crises, é preciso trazer os direitos humanos como base das soluções”⁹.

Desta maneira, buscamos explorar como essas maternagens são expressas na rede utilizando os perfis escolhidos como objeto de análise - considerando o contexto de pandemia em 2020 -, entender como essas mulheres se constroem por meio da raça e se afirmam no ambiente

⁶ FLOR, Katarine. **Racismo e machismo mantêm mulheres negras no grupo de menores salários do país**. Brasil de Fato, 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/11/19/racismo-e-machismo-mantem-mulheres-negras-no-grupo-de-menores-salarios-do-pais> acesso 9, Novembro, 2020 às 19:11.

⁷ Fundado em fevereiro de 1921 e pertencente ao Grupo Folha, editado na Cidade de São Paulo/Brasil o jornal é um dos maiores em circulação no país

⁸ PAMPLONA, **Nicola mulheres negras precisam se dedicar a casa mais do que as brancas**. Folha de São Paulo, São Paula 2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/06/mulheres-negras-precisam-se-dedicar-a-casa-mais-que-as-brancas-diz-ibge.shtml>. Acesso em 9 de setembro, 2020 às 23:49

⁹ Mulheres negras agem para enfrentar o racismo na pandemia covid 19 e garantir direitos da população no novo normal. **ONU Mulheres**, 2020. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/mulheres-negras-agem-para-enfrentar-o-racismo-na-pandemia-covid-19-e-garantir-direitos-da-populacao-negra-no-novo-normal/>. Acesso 8, out de 2020.

virtual, ao mesmo tempo que ajudam outras mães a se reconhecerem, por meio de suas vivências e troca de experiências.

1. Maternidade e Feminismo Negro

A maternidade sempre esteve atrelada ao feminino de alguma forma. Seja pela crença de um determinismo biológico atribuído à figura feminina, quanto pela construção social moldada em torno da imagem da mulher mãe e à quem a criação da prole é de responsabilidade absoluta. Segundo Badinter (1985, p.19-20) “A função materna, levada ao seu limite extremo, só terminaria quando a mãe tivesse, finalmente, dado à luz um adulto.” Nesta expressão, se compreende que as funções referentes a maternagem da criança tem início muito antes do nascimento e perduram muito depois do final da primeira infância.

O conceito de cuidado e afeto, *a priori*, não era algo amplamente difundido; o instinto materno aparecia apenas como um mito e a preocupação com a criação dos filhos beirava o desinteresse. A mulher como mãe, tal como compreendemos hoje, foi criada conjuntamente pela Igreja e pela sociedade com objetivo de lapidar e reformular a ideia da maternidade, como forma de controlar sexualmente mulheres, transformando a figura da mãe em uma imagem pura, santificada e idealizada. (BADINTER, 1985; RANGEL, 2016).

Entretanto, a idealização da maternidade não se aplicava às mulheres negras. A raça e classe social sempre foram fatores de diferenciação, que faziam com que elas ocupassem um lugar inferior, laboral e exploratório de suas condições de mãe ou futuras mãe.

A exaltação ideológica da maternidade – tão popular no século XIX – não se estendia às escravas. Na verdade, aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava. Elas eram “reprodutoras” – animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar (DAVIS, 2016, p. 25-26).

Quando as mulheres começaram seus primeiros passos no movimento emancipatório, além de uma luta por equidade nos direitos políticos em relação aos homens, as mulheres negras lutavam também por direitos abolicionistas¹⁰. O fato gênero vinculado à questão racial, tornava o movimento não inclusivo em muitos momentos, com pouca ou nenhuma representação de

¹⁰ O que são as ondas do feminismo? Entenda um pouco da história do feminismo, e como chegamos até aqui. Medium, 2018. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>. acesso em 10 de setembro, 2020 às 01:16

mulheres negras, o que tornava visível a disparidade existente em relação a cor da pele, que vinha atrelado a outros fatores como a classe, por exemplo.

Sojourner Truth, famosa feminista abolicionista negra em seu discurso “*Ain't i a woman?*”¹¹ feito na Convenção das Mulheres de 1851 e registrado por Frances Gage em *History of Woman Suffrage*, abordou as diferenças presentes no tratamento das mulheres negras e brancas¹². Enquanto as mulheres brancas eram cobradas socialmente para que se tornassem esposas, mães e cuidassem de suas proles sendo confinadas ao ambiente privado - o que lhes atribui um status de respeito -, as escravas negras engravidavam e tinham seus filhos retirados ao nascer para que pudessem ser comercializados como escravos e eram usadas como amas de leite para amamentação das crianças de seus senhores.

No contexto social e político brasileiro, os objetivos das pautas feministas também não deram conta das características multirraciais das quais as feministas - mulheres negras e indígenas - estavam inseridas. Para tanto, a filósofa, escritora e ativista antirracista Sueli Carneiro, em seu texto “Mulheres em Movimento” (2003) explica que a expressão *enegrecendo o feminismo* foi utilizada para descrever de forma breve a introdução de mulheres negras no movimento feminista brasileiro, bem como o objetivo do seu uso:

Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais (CARNEIRO, 2003, p.118).

Dentro dessas expressões específicas, a maternidade das mulheres negras também teve muito da dificuldade em internalizar as questões de raça por conta de sua origem na supervalorização das culturas européias ou estrangeiras, além da necessidade que se reconheça junto às mulheres subalternizadas seus respectivos contextos de desigualdades, ou seja:

A diversificação das concepções e práticas políticas que a ótica das mulheres dos grupos subalternizados introduzem no feminismo é resultado de um processo dialético que, se, de um lado, promove a afirmação das mulheres em geral como novos sujeitos políticos, de outro exige o reconhecimento da diversidade e desigualdades existentes entre essas mesmas mulheres (CARNEIRO, 2003, p.119).

¹¹ “*Eu não sou uma mulher?*” em tradução nossa.

¹² Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? (TRUTH, 1851, *online*). Sojourner Truth: Ain't I A Woman?. Women's Rights National Historical Park, 2017. Disponível em: <https://www.nps.gov/articles/sojourner-truth.htm>. acesso em 12 de junho, 2020

No Brasil, país onde números de casos de racismo são extremamente elevados e refletem nos índices de violências, em matéria publicada pela Carta Capital,¹³ “Atualmente, de cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras”¹⁴, sendo a população jovem umas das principais vítimas. Segundo dados da Unicef¹⁵, 82,9%¹⁶ das mortes por homicídio são meninos negros de 10 à 19 anos. Esses dados refletem diretamente nas realidades de famílias brasileiras, levantando uma série de questionamentos que faz com que mulheres negras necessitem abordar debates específicos em suas maternagens. A própria decisão de ser mãe se torna uma questão, em que muitas delas optam por não terem filhos devido à alta violência sofrida pelas minorias negras¹⁷. A dificuldade de ser mãe e negra, destaca ainda mais a solidão já atribuída por muitas à maternidade. Com o agravante do isolamento vigente durante o ano de 2020, oriundo da situação pandêmica global de COVID-19, essas mães necessitam buscar por outras formas de conexões e apoio.

Sendo assim, partimos do pressuposto de que as redes sociais digitais facilitam e aproximam vivências onde muitas dessas mulheres mães se veem amparadas - através de uma rede de apoio virtual - em dividir suas dúvidas, dificuldades e buscar e referências para auxiliar na criação de suas crianças. Na próxima seção, abordamos essas relações entre maternidade e redes sociais.

2. Maternidade e Redes sociais

O surgimento da internet trouxe uma gama de possibilidades e interações para os usuários da rede. A praticidade de ter acesso a informações dos mais diversos lugares do mundo, fez com que indivíduos se aproximassem, trocassem experiências, ultrapassando distâncias e barreiras geográficas.

¹³ Segundo levantamento feito em 2017 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e Pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

¹⁴ Seis Estatísticas que mostram o abismo racial no Brasil . **Carta Capital, Sociedade**. 20, nov de 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/seis-estatisticas-que-mostram-o-abismo-racial-no-brasil/>. acesso 9, out de 2020

¹⁵ Fundo das Nações Unidas para a Infância.

¹⁶ 30 Anos da Convenção Sobre os Direitos da Criança: Avanços históricos problemas que persistem e novos desafios. **UNICEF**, 2019. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/30-anos-da-convencao-sobre-os-direitos-da-crianca-avancos-problemas-e-novos-desafios>. acesso em 10 out 2020.

¹⁷ LEVY, Clarrisa. Sonhos negados: violência faz mulheres negras desistirem da maternidade . Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/07/05/sonhos-negados-violencia-faz-mulheres-negras-desistirem-da-maternidade.htm>.. acesso em 9, out de 2020.

O fluxo de troca e circulação de informações é gigantesco e o Brasil aparece em 2º lugar no ranking de países com usuários que passam mais tempo conectados.¹⁸ Dentro da lista de sites mais acessados está o *Instagram*¹⁹, que encontra-se em 6ª posição, tendo cerca de 1 milhão de usuários ativos.²⁰

A popularização das redes fez com que um novo espaço de relações, surgisse, que não somente refletem aspectos das interações no espaço real como desenvolve suas próprias regras e dinâmicas dentro do espaço virtual, ao passo que: “é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores.” (RECUERO, 2009, p.24).

A escolha pelo *Instagram* se deve não somente a sua popularidade entre os usuários, mas pelo formato de postagem de seus conteúdos. Voltados para o compartilhamento de fotos com legendas curtas, associado à vídeos com formato *stories* e *igtv* e uso de *hashtags*. A troca por meio destas postagens, tanto para quem produz quanto para quem acessa, se dá de maneira fluída, ao mesmo tempo que a possibilidade de acesso aos registros feitos em rede - postagens no *feed* e em destaques- faz com que o conteúdo possa ser facilmente acessado, organizado e compartilhado entre os usuários.

A praticidade do contato online, joga luz sobre a desigualdade de gênero que ainda prevalece durante a criação dos filhos, especialmente na primeira infância. Ao que refere-se a produção deste trabalho, também abarca as questões raciais trabalhada dentro da comunidade online. As maternagens circulantes em rede, marcam em seus discursos as evidências discrepantes de carga de trabalho das mães e uma sobrecarga dentro das famílias heteronormativas, que, em sua maior parte, é atribuído às mulheres. Esse enfoque na chamada *maternidade real*²¹, reflete na rede virtual as opressões e controle que acontecem no privado, em forma de desabafo:

Gênero e sexualidade tem grande importância aqui, uma vez que estão em questão os controles dos corpos e a normalização dos afetos. Ideais de sucesso na regulação das relações como o da domesticidade feminina, da maternidade e do amor romântico

¹⁸ Brasil é 2 em Ranking de países que passam mais tempo em redes sociais. *Época, Negócios*. 6, set 2019 Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/09/brasil-e-2-em-ranking-de-paises-que-passam-mais-tempo-em-redes-sociais.htm>. acesso em 8 out 2020

¹⁹ Rede Social desenvolvida por Kevin Systrom e Mike Krieger e adquirida por Mark Zuckerberg em 2012

²⁰ RIBEIRO, Carolina. Conheça as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2018. **Techtudo**, 2019. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/02/conheca-as-redes-sociais-mais-usadas-no-brasil-e-no-mundo-em-2018.ghtml>. acesso em 10 out 2020

²¹ Estilo de maternidade que enfatiza as dificuldades enfrentadas pelas mães na criação dos filhos.

estabelecem em conjunto com a heteronormatividade, perspectivas para julgar vidas concretas que não correspondem a eles [...] (BIROLI, 2018, p.92).

Algumas personalidades se destacaram nas plataformas e viram referência no conteúdo que produzem, os chamados influenciadores. Essas pessoas são elencadas por classificações, seja por sua *expertise* dentro das temáticas abordadas e por sua relevância social ou econômica (Bourdier 1987 *apud* ISHIDA, 2018).

Segundo a classificação proposta por Gladwell (2000 *apud* ISHIDA, 2018), existem: o *expert* (capital cultural), o *comunicador* (grande capital social) e o *vendedor* (capital econômico). Essas classificações em resumo funcionam na seguinte lógica: “numa epidemia social, os experts fornecem as informações, os comunicadores são a cola social, espalhando a mensagem (...) E os vendedores nos convencem a acreditar e agir” (GLADWELL, 2000 *apud* ISHIDA 2018, pg 71). O destaque desses indivíduos, ocorre em uma maioria por meio de um engajamento natural do público em resultado da afinidade e identificações que ele possui com o conteúdo e o influenciador.

Perfis de influenciadores, ao partilharem de suas rotinas, dificuldades e intimidades sobre si e suas famílias, despertam em seus seguidores identificações nas quais se vêem por vezes representadas. Essas identificações, são resultado de uma gama de referenciais culturais e processos simbólicos que o indivíduo constrói ao longo de sua vida “é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos.” (WOODWARD, 2014, p.18). A maternidade, como à compreendemos, faz parte de representações presentes nas relações sociais dos indivíduos e está relacionada diretamente a cultura da qual fazemos parte. Para exemplificar os conceitos abordados até aqui, explicaremos a seguir o processo metodológico para análise dos dados, obtidos durante nossas observações.

3. Metodologia e análise

A análise dos perfis escolhidos partiu, em um primeiro momento, de um interesse em compreender como se davam os processos de maternagem em rede. Para isso, através de discussões feitas durante as reuniões de pesquisa do grupo *Comunicação, Gênero e Desigualdades* - do qual este trabalho faz parte - e que foram resultantes da leitura de textos; direcionou-se à

análise de redes sociais, escolhendo o *Instagram* como objeto de observação principal por sua dinamicidade que favoreceu popularização dos influenciadores digitais de diferente nichos.

A partir disso quatro (4) mães foram originalmente escolhidas para serem acompanhadas. Durante esse período, foram observados dois (2) padrões recorrentes de comportamento entre o grupo de *influencers*, sendo eles: perfil de *maternidade real, ativa e romantizada*, enquanto o outro se define como perfil de *maternidade real e ativa*. Dessa forma, *mãe 1* e *mãe 2* serviram como parâmetro para exemplificação desses padrões.

Utilizamos portanto a metodologia de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2011) e a discussão do uso desta análise como método por Raquel Recuero (2015) associados a netnografia de Christine Hine (2016) e Kozinets (2014). Foram estruturadas etapas para otimizar os processos de coleta e análise dos dados observados que se dividiram em: 1) elaboração de protocolo de observação para postagens no Instagram que foi construído pelas integrantes do grupo, 2) escolha dos perfis observados e 3) coleta e análise dessas postagens.

De acordo com Kozinets (2014) é necessário, em primeiro momento, conhecimento apurado da cultura/comunidade a ser analisada, através da compreensão de sua história e contextos para que a partir daí seja possível adentrar no meio e entender como iniciar sua abordagem:

Antes de dar início ao trabalho, ingressar naquela cultura online e iniciar sua participação, existem algumas coisas importantes que você precisa entender. Você precisa decidir exatamente o que é que você vai estudar. Como você vai estudar. Como você vai se representar. Como você vai manejar esse projeto de maneira ética. E que grau de ruptura você vai criar nas comunidades ou culturas que estiver estudando (KOZINETTS, 2014, p.75).

Desta maneira, utilizamos as ferramentas de busca da rede social, assim como a hashtag *#maternidadenegra*, para entender quais os assuntos mais recorrentes circulavam naquele espaço e, a partir disso, selecionamos aleatoriamente perfis de *influencers*, que se encaixavam classificação propostas. Os perfis das mães escolhidas, foram observados pelo período que se estendeu durante o mês de agosto e início de setembro. O estabelecimento de um período de acompanhamento e coleta de postagens destes perfis foi escolhido para que pudesse ser mais fácil delimitar a quantidade de dados coletados conforme a explicação :

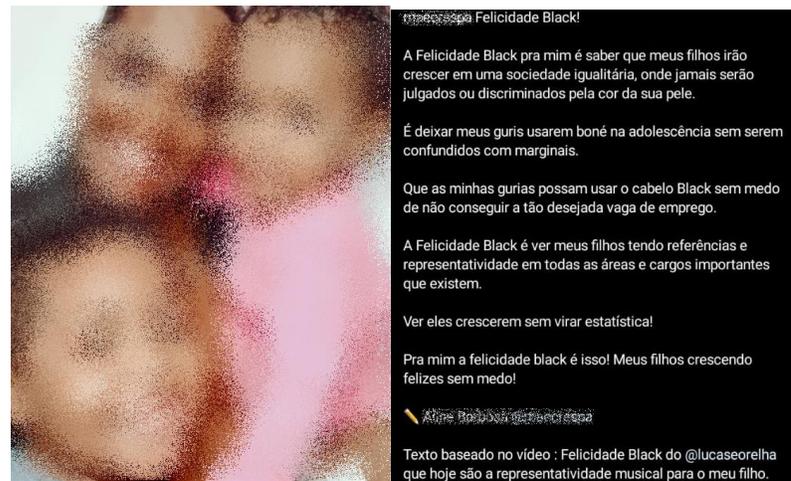
Uma resposta tem sido confinar os estudos em uma localidade e período de tempo específicos, o que permite um foco restrito para manter o projeto etnográfico dentro da capacidade interpretativa individual do etnógrafo. (HINE, 2016, p.20).

A partir do *corpus* de análise, foram aplicadas as fases da pré-análise Bardin (2011) que consistem em: a) escolha dos documentos b) formulação das hipóteses e objetivos c) elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final.

Previamente, a elaboração do protocolo de observação desenvolvido pelo grupo de pesquisa já citado, nos ajudou na fase de coleta e classificação de dados. Nele tínhamos a descrição do perfil da influencer com nome, *user*, *bio* e demais informações pessoais. A partir de cada postagem era possível classificá-las de acordo com suas temáticas, principais *hashtags*, interação com público por meio da observação do número de comentários, entre outras categorias. A escolha pela utilização do protocolo foi feita porque, de acordo com Bardin (1977) "O processo classificatório possui uma importância considerável em toda e qualquer atividade científica. A partir do momento em que a análise de conteúdo decide codificar o seu material, deve produzir um sistema de categorias" (BARDIN, 1977, p.119).

Dessa maneira, a coleta e classificação facilitam o processo de análise para cruzar os dados e compreender as inferências nas dinâmicas de produção de conteúdo e interação de cada perfil selecionado. Ao final do período de aplicação dos protocolos e feita a análise das informações extraídas, foram selecionadas duas representantes dessa fase com base nos seus resultados, considerando que ambas contemplam a definição de *influencers* digitais. Cada uma delas será representada por meio dos *posts*, através da análise de conteúdo, com o objetivo de ilustrar o padrão encontrado.

A *mãe 1* tem atualmente mais de 15 mil seguidores no seu perfil do Instagram (última consulta feita no dia 10/10/2020). Em sua descrição pessoal em seu perfil (*bio*), destaca temáticas, dicas, maternidade e representatividade, além de uma frase que resume sua realidade: "*Uma mãe solo que tenta equilibrar os pratos da vida, sendo mãe, mulher e boss!*". As temáticas mais abordadas ao longo da análise foram justamente maternidade negra, representatividade, criação dos filhos, questões do dia a dia antes e durante pandemia, além de postagens de publicidade paga. A *mãe 1* traz em seus relatos traços de maternidade real e ativa, embora, às vezes, também tenha sido romantizada ou idealizada. As *hashtags* mais utilizadas em posts comerciais ou pessoais foram: #pretasnotopo, #blogueiraneira e #autocuidado. Nas publicações voltadas aos temas maternidade e representatividade, as *hashtags* #maternidadenaquarentena, #maternidadereal e #maedequatro foram mais recorrentes.



Fonte: Print de *post* retirado do perfil no Instagram da *mãe 1*

A imagem acima (01) mostra uma foto da *mãe 1* e dois de seus quatro filhos. Na legenda da foto, o título “Felicidade Black” inspirado na dupla de cantores negros Lucas e Orelha (*user @lucaseorelha*). No texto, apresenta-se uma reflexão sobre a importância da representatividade negra para o futuro dos seus filhos, seus medos em relação ao preconceito racial já pré-estabelecido pela sociedade, suas expectativas de um mundo ideal e o desejo de vê-los não se tornarem apenas parte da estatística atual brasileira.

Imagem 02 - post mãe 1



Fonte: Print de *post* retirado do perfil no Instagram da *mãe 1*

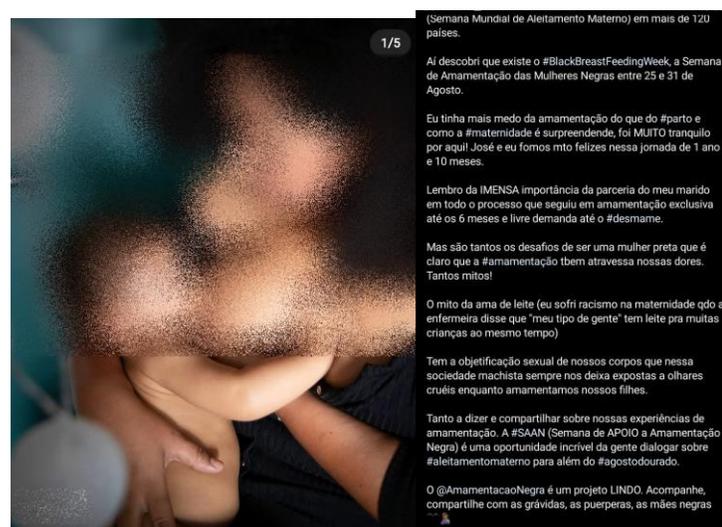
Nessa publicação (02), a imagem traz a frase “Gestar é lindo, parir é intenso, criar é treta!” e foi criada pela *mãe 1*. Na legenda, um texto sobre as complicações da maternidade real desde a gestação até o momento do parto, sobrecarga no contexto pandêmico, além de citar sua atual

situação de mãe solo e descrever - exemplificando situações diárias - as fases que cada um dos filhos está. Ao final, a frase “*E a cada dia eu vejo o quanto nós mães somos capazes do possível e do impossível!*”.

As imagens 01 e 02 ilustram um padrão de discurso reproduzido pela *mãe 1* ao abordar as temáticas nas redes. Comenta sobre sua sobrecarga diária de atividades relacionadas ao lar, cuidado dos filhos e total responsabilidade pelos mesmos - se tornou mãe solo durante o período de observação. Apesar de explicitar diversas vezes que não considera a sua realidade dentro dos padrões idealizados da sociedade, por vezes, reproduz um discurso fundamentado em estereótipos hegemônicos que definem mulheres e suas respectivas formas de matinar, reforçando a sua crença no perfil de “super mãe” e tentando também - mesmo que inconscientemente - reproduzir esse padrão.

A *mãe 2* foi analisada por meio do seu *user* de trabalho voltado para a educação antirracista para famílias e crianças negras. O perfil conta com mais de 80 mil seguidores (última consulta feita no dia 10/10/2020), e as temáticas destacadas na sua descrição (*bio*) são voltadas para educação antirracista e comunicação consciente, além de citar o movimento criado pela mesma, também com o mesmo propósito, fechando com a frase: “*a ESPERANÇA é o pilar do mundo. (Prov Africano)*”. Os temas mais recorrentes abordam questões do ativismo negro, valorização da educação como ferramenta de poder e mudança da realidade, maternidade negra, educação de filhos, dicas culturais e notícias (sobre os mesmos temas). As hashtags mais usadas foram #VcFazParte, #Antirracista, #político e #maternidadenegra.

Imagem 03 - Post mãe 2



Fonte: Print de *post* retirado do perfil no Instagram da *mãe 2*

Na imagem 03 a *mãe 02* amamentando o filho, enquanto o texto comenta sobre a semana mundial do aleitamento materno e agosto dourado - voltado para valorização da amamentação - a autora compartilha com seus seguidores a recente descoberta pessoal de um movimento *#BlackBreastFeedingWeek* (Semana de Amamentação das Mulheres Negras). Relata sua experiência pessoal como gestante, os preconceitos que sofreu e a importância da discussão do tema.

Imagem 04 - mãe 2



Fonte: Print de *post* retirado do perfil no Instagram da *mãe 2*

Na imagem acima (04), um *card* de convite aos seguidores a participarem de uma live da *mãe 02* em parceria com o projeto Tempo Junto no *Youtube*. O tema principal: “Como criar crianças antirracistas”.

Ao longo da aplicação do protocolo de análise dos posts, o perfil da *mãe 02* demonstrou ter como foco proporcionar um espaço de disseminação de conteúdo educativo e menos pessoal em comparação a *mãe 01*, apesar de ambas utilizarem esses perfis como espaço de trabalho e troca de experiência pessoal. Além disso, o padrão de discurso da *mãe 2* apresenta um foco crítico à realidade da maternidade e população negra no contexto Brasil e no mundo, revelando o caráter ativista presente nas postagens e caracterizando-a em uma maternidade real e ativa.

Quando analisadas de forma comparativa, *mãe 1* e *mãe 2*, expressam dois padrões recorrentes encontrados ao longo do acompanhamento dos perfis. Apesar das temáticas dos

conteúdos compartilhados serem semelhantes, foi possível observar diferenças significativas nessas construções.

Considerações finais

Ao longo do processo de seleção dos perfis de mães negras, foi observado a dificuldade de encontrar perfis com grande número de seguidores, o que sugere o menor uso ou menor busca dessas pautas em comparação com os demais modelos que circulam nas redes sociais. O contexto atual da pandemia do novo coronavírus (*COVID-19*) foi inicialmente considerado como uma hipótese de tema que seria regularmente tratado por essas mães como agravador das problemáticas do dia a dia e de seus contextos sociais, porém, apesar de ser mencionado, o foco das propostas de discussões seguiu sendo os temas comuns entre elas: maternidade negra, educação e criação dos filhos e dificuldades diárias.

O perfil de *maternidade real, ativa e romantizada* comporta mães que compartilham suas rotinas e conseqüentemente as dificuldades da maternidade negra, propõem discussões de temas pertinentes e geram, dessa forma, reconhecimento entre suas seguidoras. Na contramão, destacam sempre o quanto todo esforço, as dificuldades e os anseios dessa experiência são válidos e recompensadores, reforçando assim o compartilhamento do padrão de super mãe, capaz e suficiente para lidar com qualquer situação. Já o perfil de *maternidade real e ativa* é atribuído a mães que compartilham sobre os mesmos temas que as demais, seja em perfis pessoais ou de trabalho. Aqui, as mães costumam tratar da maternidade de forma mais crítica, politizada e realista, valorizando o debate e atraindo então, um perfil de público oposto ao primeiro.

Ou seja, o segundo perfil de comportamento tem a tendência a reconhecer nas relações de construção social e cultural as problemáticas que permeiam a maternidade negra - representando assim, o pensamento de parte das mães presentes nas redes sociais - enquanto o primeiro ainda não se reconhece como parte dessa problematização - o que também ilustra parte dessas mães usuárias das redes. Dessa forma, a diferença entre esses dois padrões está em como a abordagem das discussões é feita e, como resultado, o seu público também diverge. Assim, pudemos notar as particularidades intrínsecas à questão racial na realidade da maternidade negra e como esses conteúdos, no modo como essas mulheres experienciam a maternidade, resultantes de construção social que as afeta além do gênero.

Referências

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. Boitempo Editorial, 2018. Capítulo 3. Família e Maternidade

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: O mito do amor materno**. 1ª Edição, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições, v. 70, p. 225, 1977.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, p. 95-102, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. *Estud. av.*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, dez. 2003 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008&lng=pt&nrm=iso . acessos em 09 out. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300008>

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe** [recurso eletrônico] / Angela Davis ; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016. (e-book)

FLOR, Katarine. **Racismo e machismo mantêm mulheres negras no grupo de menores salários do país**. Brasil de Fato, 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/11/19/racismo-e-machismo-mantem-mulheres-negras-no-grupo-de-menores-salarios-do-pais> acesso 9, Novembro, 2020 às 19:11.

GONZALES, LÉLIA. In entrevista para Marli Garcia no documentário **As Divas Negras do Cinema Brasileiro**. Direção Direção Vik Birckbeck e Ras Adauto. Brasil, Acervo Cultne. 1989. 1 video (min 44:11). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6L9U2DQRYdk>. Acesso em 31 out. 2020 às 14:

HINE, Christine. **Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia**. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla (orgs). *Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos*. 1 ed., Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

ISHIDA, Gabriel. **Métodos para Identificação e Características de Influenciadores em Mídias Sociais**. In. *Estudando Cultura e Comunicação em Mídias Sociais*. Org.SILVA, Tarcísio. BUCKTEGGE, Jaqueline. ROGEDO, Pedro. Basília, IBPAD, 2018.

LEVY, Clarrisa. **Sonhos negados: violência faz mulheres negras desistirem da maternidade**. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/07/05/sonhos-negados-violencia-faz-mulheres-negras-desistirem-da-maternidade.htm>.. acesso em 9, out de 2020.

MULHERES negras agem para enfrentar o racismo na pandemia covid 19 e garantir direitos da população no novo normal. **ONU Mulheres**, 2020. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/mulheres-negras-agem-para-enfrentar-o-racismo-na->

pandemia-covid-19-e-garantir-direitos-da-populacao-negra-no-novo-normal/. Acesso 8, out de 2020.

O QUE SÃO AS ONDAS DO FEMINISMO? Entenda um pouco da história do feminismo, e como chegamos até aqui. **Medium**, 2018. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>, Acesso em 10 de setembro, 2020 às 01:16

PAMPLONA, Nicola **mulheres negras precisam se dedicar a casa mais do que as brancas**. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/06/mulheres-negras-precisam-se-dedicar-a-casa-mais-que-as-brancas-diz-ibge.shtml>. Acesso em 9 de setembro, 2020 às 23:49

RANGEL, Bruna. **Desmistificação da maternidade: o verdadeiro desafio de ser mãe**. In #MeuAmigoSecreto [recurso eletrônico]: Feminismo além das redes/ Coletivo Não me Khalo. 1ª Edição. Rio de Janeiro, Edições de Janeiro, 2016. (e-book)

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet / Raquel Recuero**. – Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

RECUERO, R. **Discutindo Análise de Conteúdo como Método: o #DiadaConsciênciaNegra no Twitter**. Cadernos de Estudos Linguísticos, v. 56, n. 2, p. 289-309, 29 jun. 2015.

RIBEIRO, Carolina. Conheça as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2018. **Techtudo**, 2019. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/02/conheca-as-redes-sociais-mais-usadas-no-brasil-e-no-mundo-em-2018.ghtml>. acesso em 10 out 2020.

SEIS ESTATÍSTICAS que mostram o abismo racial no Brasil . **Carta Capital, Sociedade**. 20, nov de 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/seis-estatisticas-que-mostram-o-abismo-racial-no-brasil/>. acesso 9, out de 2020

TRUTH, Sojourner. **Ain't I A Woman?. Women's Rights National Historical Park, 2017**. Disponível em: <https://www.nps.gov/articles/sojourner-truth.htm>. acesso em 12 de junho, 2020

KOZINETS, Robert V. **Planejamento e entrada**. In: KOZINETS, Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre : Penso, 2014.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: Uma Introdução Teórica e Conceitual**. In. Identidade e Diferença: Perspectiva dos Estudos Culturais. Org. DA SILVA, Tomás Tadeu. Petrópolis, Rio de Janeiro, Novas Vozes, 2012.

30 ANOS DA CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA: Avanços históricos problemas que persistem e novos desafios. **UNICEF**, 2019. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/30-anos-da-convencao-sobre-os-direitos-da-crianca-avancos-problemas-e-novos-desafios>. Acesso em 10 out 2020.